



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ZINÁ BITTENCURT DE SOUZA

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-35

Entrevistado: Ziná Bittencurt de Souza

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Nova Petrópolis/RS

Entrevistadores: Karine Dalsin/Luanda Dutra

Data da entrevista: 21/06/2003

Transcrição: Camile Romero

Conferência Fidelidade: Ana Maurmann

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Felipe Schuch

Fitas: (01 fita) 35/01-A

Total de gravação: 20 minutos

Páginas Digitadas: 06

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01705/2007/01

Nº da fita: 01705/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SOUZA, Ziná Bittencurt de. *Ziná de Souza (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Início da prática esportiva com o voleibol; história do voleibol feminino do Rio Grande do Sul (a partir da década de 60); campeonatos realizados na época; apoio dos familiares.

Nova Petrópolis, 21 de junho de 2003. Entrevista com Ziná Bittencurt de Souza, a cargo das entrevistadoras Karine Dalsin e Luanda Dutra para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Ziná tu podes nos contar quando é que tu começaste a praticar voleibol?

Z.S. – Eu comecei a praticar voleibol em 1950, no Colégio da Divina Providência. E lá, elas organizaram um campeonato entre os colégios, e daí a gente... Já participei da seleção do colégio, comecei a jogar fora do colégio contra a Alcion, contra esse que você falou, Regina, o Sacre Couer de Marie...[uma amiga complementa a fala] São José... Ali a gente já começou a ser campeã! Sempre campeã, o meu time sempre ganhava, eu sou uma ganhadora [risos]. Mas é verdade, só ganhamos, o que é que eu vou fazer, vou dizer que não. Não tinha adversários na época ainda... Era início de vôlei. É, mas até hoje não tem adversário pra nós, nós não somos tricampeãs brasileiras, nós somos tricampeãs...[discussão ao fundo] Não, mas é verdade. Nós somos tricampeãs brasileiras de vôlei master de 60 anos, damas de diamante, somos e nós estamos tentando agora o tetracampeonato e, sabe o que mais? Nós vamos ganhar, claro, não viu o Brasília, elas jogam bem: Brasília e Minas, [comentários ao fundo]. Não faz mal, elas jogam bem Brasília e Minas, mas eu acho que elas não estão com muito condicionamento físico, elas cansam muito depressa. Nós temos um bom condicionamento físico, a técnica quase nos mata de tanto que treinamos, é verdade isto. É que a gente gosta tanto, nós somos viciadas em voleibol [risos]. Mas é verdade, é uma coisa boa, nós não largamos, com essa idade ainda estamos jogando.

[intervenção] – Ela vai ficar até amanhã falando. Enquanto está gravando, fale que Minas e Rio Grande do Sul são fortes adversárias, não podemos negar isto.

Z.S. - Rio Grande do Sul, não. Minas e Brasília.

[intervenção] - Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Z.S. – Você acha o Rio Grande do Sul?

[intervenção] - Acho,acho...

Z.S. - É, então é isso que ela falou.

[intervenção] - O jogo hoje foi inicial, mas elas são muito fortes.

Z.S. - Elas são muito, Rio Grande do Sul é muito raçudo, elas são muito raçudas, elas vão, elas correm, elas se matam. Você assistiu o nosso jogo, não?

K.D. – Assisti.

Z.S. - Ah, assistiu o nosso, então você viu.

K.D. - Vamos voltar no tempo um pouquinho então...

Z.S. - Vamos voltar ao campeonato, ao primeiro campeonato brasileiro em 1954.

K.D. - Tu jogaste?

Z.S. - Jogamos, eu, a Regina e as outras que hoje não jogam mais, a Maria Lúcia, a Maria Lúcia jogava. Fomos formando uma seleção paranaense, vieram algumas pessoas de fora, você veio, né? Você foi pra seleção?

[intervenção] - Não, eu não podia. Eu comecei em 53 no colégio.

Z.S. – Aí, em 54, nós fomos a São Paulo, jogamos o primeiro Campeonato Brasileiro de Voleibol. E, em 58, nós fomos a Santos, jogamos o segundo Campeonato Brasileiro e, depois, eu casei e, depois... A gente casa e, você pensa, que quando casa começa tudo, começa a vida em família [risos], os filhotes, o marido, as responsabilidades... Aí eu parei, eu não parei de jogar, fui morar em Santa Amélia, e lá formei um time com as moças da cidade e nós fomos, sabe, que nós fomos três vezes vice-campeãs do Paraná, nunca conseguimos daí o 1º lugar, só a medalha de prata... Londrina, Jogos Abertos, até um em Curitiba teve inclusive. Um em Bandeirantes, um em Londrina e um em Curitiba. Aí

voltei de Santa Amélia, remontei o time, na realidade a fanática sou eu, não é a Mari [riso], é porque eu é que puxei de novo, montei o time e aí, continuamos no Clube Curitibano, jogando campeonatos internos e sempre primeira, sempre. Então eles dividiram assim: Campeonato A, Campeonato B e Campeonato C; O Campeonato A tinha três times, o nosso sempre ganhou. Até que, quando fizemos 60 anos, as mais jovens que nós... Tínhamos jogadoras de 40 anos mais ou menos, nós achamos que elas tinham o direito de jogar separado da gente, porque a gente estava com vôlei caindo e elas praticamente estavam se elevando.... Elas foram jogar à noite, aí nós ficamos sem time, nós tínhamos só oito, foi aí que eu chamei essa turma da Duque de Caxias. Nós juntamos a Duque de Caxias com o Clube Curitibano e formamos esse time que está disputando campeonato desde 1998: Damas de Diamante.

K.D. - Teus pais te apoiaram quando tu começaste a jogar vôlei?

Z.S. - Olha, eu sou de um tempo que [risos] praticar esporte era feio. Papai achava tão ruim, ele dizia: “eu não criei filha para andar nesses clubes jogando voleibol, que é isso?” Aí a mamãe dizia assim... A mamãe era interessante, ela me deu força em certas coisas da minha vida, em outras o papai me deu, ela dizia: “Não Bittencourt, o esporte é bom, elas se mexem, faz bem pra saúde”. E aí, ele concordava com ela, mas ele meio que cobrava a gente...

K.D. - Tu tiveste algum namorado que...

Z.S. – [risos] Que jogou voleibol?

K.D. - Ou que tenha incomodado por tu jogares.

Z.S. - Olha, eu aos vinte e um anos eu fui noiva, era noiva. Esse meu ex-noivo nunca achou ruim de eu jogar voleibol, aliás ninguém nunca achou ruim de jogar voleibol porque eu acho que se alguém achasse ruim eu jogar voleibol, eu tiraria do meu caminho esta pessoa porque eu sou danada mesmo. Eu sou de personalidade forte, sou ou não sou?

[intervenção] - É.

Z.S. - Ninguém nunca me incomodou e, depois, eu casei com outro, não casei com esse noivo, mas o Zil que foi meu marido nunca... No começo, assim, que ele achou meio ruim, mas depois ele foi lá e viu que não era nada de mais, a não ser aquele voleibol, ele me dava até força, ele vinha torcer nos campeonatos.

K.D. – E, sobre o campeonato de 54, tu tens alguma coisa que chamou atenção para nos contar?

Z.S. - De 54, de lembrança de 54...

[intervenção] – A gente ficava sempre em último lugar.

Z.S. – É... Não teve fatos assim... Teve um fato interessante em 54: nós tínhamos duas jogadoras, a Maria Lúcia e a Verli, que eram duas “misses” em separado, elas eram muito bonitas de perna, de corpo, de cara. E aí, veio um jornalista do Estado de São Paulo e, disse que queria fotografar as duas, e eu, a Ziloá e a Mari, como a gente estava sempre junta com estas duas, fomos juntas para dar força! Elas subiram lá num lugar no Pacaembu e fizeram pose e para lá e para cá e eles *tec, tec e tec tec* nas duas e, de repente, um olhou para nós três, acho que ele disse: “coitadas, estão aí.... Agora o resto!” Vamos tirar uma fotografia do resto. Aí, eu virei para elas e disse: “vamos lá resto”, porque eu apanho às vezes no ar as vezes não apanho. Ele tirou a foto das três. No dia seguinte, no Estado de São Paulo, na página do esporte estava só o resto. As misses, as misses não saíram, eu tenho o jornal até hoje, foi interessante, porque né... Uma bobagem tudo bem, mas na hora a gente ser chamada de resto.

K.D. – Mas o voleibol era bastante vinculado com a beleza feminina, não era?

Z.S. – Olha, eu não diria que o esporte foi vinculado à beleza, mas é claro que qualquer esporte que tenha mulheres mais bonitas elas chamam atenção. Agora, o esporte já é um jogo elitista, a gente nota que as pessoas que jogam voleibol, tanto no masculino como no feminino, são pessoas que receberam mais estudo, uma classe média, a gente nota isso, não dá para negar, até hoje é assim.

K.D. – As equipes mais fortes na década de 50 no voleibol...

Z.S. – Era Minas, Minas, elas eram medonhas. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, elas eram muito altas, nosso time não era [palavra inaudível] é nós tínhamos uma altura média, as gaúchas muito altas, mulheres de um metro e setenta e cinco, um metro e oitenta... A karin era da seleção. E, o Rio de Janeiro também tinha um time muito bom,; São Paulo também. Nós sempre do quinto lugar para baixo. Paraná era um time de mulheres da minha altura, um metro e sessenta e seis, um metro e sessenta e sete, é pouca altura para o vôlei, sempre foi. Hoje então, hoje nem levantadoras têm esta altura, levantadora tem um metro e setenta, um metro e setenta e cinco.

K.D. – Como tu vê a estruturação do vôlei no Paraná? Dos primórdios, do começo...

Z.S. – Olha, veja bem, como tudo nesse país, sempre tem algumas pessoas que, por gostarem da coisa, parecem que carregam tudo nas costas. Então, este presidente da Duque de Caxias, como era o nome dele?

[intervenção] – Valdemar [palavra inaudível]

Z.S. – Ele era um lutador: Valdemar Ingerrarter. Ele, realmente, é um pioneiro também porque ele montou um time... Ele levava a gente para viajar. Então, realmente, ele foi... Agora, na realidade, veja bem: a Confederação Paranaense de Voleibol, ela se estruturou mais ou menos desde esta época, mas não fizeram nada assim de muito grande, porque nunca deu, eu acredito. Agora, quem deu um apoio para o voleibol paranaense que eu lembro, de governador, foi o Nei Braga. Ele gostava de voleibol, nos levou para Maringá, ele nos pagava as viagens... Eu conhecia ele pessoalmente, o Nei Braga, e ele deu bastante força. No mais, eu nunca vi incentivo por parte de ninguém. O Clube Cutiribano mesmo não é um clube esportivo. Ele é um clube totalmente social, mas os presidentes de lá, para mim, eles foram ótimos, nunca me negaram nada. A gente começou a fazer estas viagens, eles sempre nos pagaram ônibus, até hoje o ônibus é por conta do clube. A inscrição deste campeonato é cara, seiscentos reais, tudo por conta do clube. Um ônibus a nossa disposição, claro que é caro também um ônibus leito e, então, isso eles sempre fizeram, mas não mais do que isso [risos]. Já fizeram bastante, porque pagar ônibus, coisa... Olha,

nós temos estados, tipo Mato Grosso, Goiás, Ouro Preto em Minas Gerais teve campeonato, Peruíbe em São Paulo... Agora o que promove hoje o voleibol, além da amizade que a gente já tem desenvolvida com as outras equipe, é conhecer lugares interessantes. Nós estivemos lá em Caldas Novas no hotel do SESC, um hotel de primeiro mundo, uma beleza, uma beleza, uma beleza. Tem que ir lá só para conhecer aquele hotel, é verdade.

K.D. – Bom, Ziná eu agradeço em nome do Projeto Garimpando Memórias, a tua contribuição para a gente reconstruir a história do vôlei feminino.

Z.S. – Olha não agradeça. Eu é que tenho que te agradecer porque veja, você é uma pessoa jovem, bonita, que poderia estar fazendo outras coisas que não tivesse interesse nem um, e de repente, estar garimpando memórias, que é um país... O nosso país tem pouca memória, viu! E, justamente. dentro daquilo que a gente mais gosta de fazer que é o voleibol, eu que agradeço pra vocês duas.

[FINAL DO DEPOIMENTO]